

A jornada do herói na história em quadrinhos Marvels

Lucas Nascimento dos Santos¹ (IC) (*), Marcelo Rodrigues dos Reis² (PQ), Marcelo G. C. Brito (PQ)

Universidade Estadual de Goiás

Resumo: Esse estudo objetiva identificar a presença de estágios da Jornada do Herói (Campbell 1949) na HQ *Marvels*. Como ícone da cultura pop, *Marvels* põe em evidência a ideia de que se preservam as narrativas de caráter mítico na cena contemporânea. Os mitos, fenômenos humanamente engendrados, ainda que sofram ressignificações, em virtude das particularidades do tempo-espaço em que se manifestam, permanecem vivos enquanto ativos culturais importantes das sociedades. Percebe-se isso se analisadas as representações, os discursos e feitos dos heróis que figuram no gênero da superaventura das HQs de modo geral.

Palavras-chave: Mito. Jornada do Herói. História em Quadrinhos. Marvels

Introdução

A *Jornada do Herói*, também denominada *monomito*, em linhas gerais, refere-se a um padrão de eventos que se pode identificar nos mitos antigos e que, mesmo hoje, servem de fundamento para a concepção e organização sequencial de novas histórias em que a figura do herói se destaque. Joseph Campbell, reconhecido mitógrafo norte-americano do século XX, a partir de seus estudos sobre os mitos religiosos das civilizações antigas, foi quem propôs essa categoria de entendimento dos mitos.

Em seu *O Herói de Mil Faces*, de 1949, Campbell se apropria da expressão *monomito*, originalmente empregada pelo escritor James Joyce em seu livro *Finnegans Wake*. Campbell jamais ocultou sua admiração pela literatura de Joyce. O sucesso que se seguiu à publicação de *O herói de mil faces* acabou por influenciar inúmeras produções artísticas do mundo contemporâneo. A literatura, o cinema, os jogos eletrônicos e, particularmente para o meu estudo, os quadrinhos se viram alcançados pelas contribuições teóricas de Campbell.

Esse estudo busca identificar a presença de estágios da jornada do herói na HQ *Marvels*. Essa escolha se deu pelas particularidades narrativas de *Marvels*, que,

¹ lucas.vg321@gmail.com

considerado o escopo teórico referido, reproduz elementos característicos dos modelos heroicos das mitologias antigas.

Material e Métodos

Diante do exposto, minha pesquisa, a partir da perspectiva conceitual do monomito, reflete como os modelos heroicos das mitologias antigas, reconstruídos, ressurgem nas histórias em quadrinhos modernas. Para tanto, as histórias em quadrinhos modernas são examinadas como repositório desses fundamentos míticos.

Conceitos como mito, monomito e imaginário, numa perspectiva de análise que, adiante, apoia-se na História Cultural, tornaram-se úteis ao desenvolvimento do trabalho. Nessa direção, estudiosos como Mircea Eliade², Joseph Campbell³ e Bronislaw Baczko⁴ foram admitidos como balizas de minhas buscas teórico-metodológicas.

Resultados e Discussão

Utilizando-se da hermenêutica correta, o mito evidencia sentidos do imaginário e do inconsciente que, de outra maneira, permaneceriam obscuros; uma vez que é nas representações sociais que uma coletividade forma uma imagem de si ao passo em que constitui e expressa suas verdades⁵. As histórias de heróis que descem às profundezas, enfrentam criaturas extraordinárias e retornaram com benefícios a seus semelhantes – decerto – fornecem recursos para que seja possível se aproximar das imagens do inconsciente, ou seja, das estruturas arquetípicas de pensamento⁶. Assim é que Freud e Jung promovem suas reflexões relativas ao anímico, voltando-se para a reinterpretação dos mitos de modo a ilustrar sua construção teórica⁷.

O mitógrafo Joseph Campbell, reconhecido por sua vasta produção a respeito do sagrado e da mitologia comparada, em seu *Herói de mil faces*, sustenta a

² Mircea Eliade. *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70, 1989. Também do mesmo autor: *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

³ Joseph Campbell. O poder do mito. Entrevista a Bill Moyers concedida por Joseph Campbell. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

⁴ Bronislaw Baczko. "Imaginação Social". In: Enciclopédia Einaudi (Anthropos-Homem). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

⁵ BACZKO, Bronislaw. "Imaginação Social". In: Enciclopédia Einaudi (Anthropos-Homem). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 303

⁶ REIS, Marcelo. Sobrevivências do Tempo Mítico no Imaginário Religioso Contemporâneo. In: II Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística, 2015, Formosa, p. 96-108.

⁷ ARMSTRONG, K. *Breve História do Mito*. São Paul: Cia de Letras, 2005, p. 15.

presença de uma estrutura narrativa comum nas mais diversas formas de manifestação cultural do gênero humano. Para dar suporte às suas verificações, Campbell reuniu extenso repertório do universo onírico, mítico e, apropriando-se da psicanálise freudiana e Junguiana, percebeu nessas manifestações do sagrado e da psique uma estrutura narrativa que obedece um padrão: o *monomito*.

Segundo o autor, o herói se localiza em sua realidade cotidiana quando é requerido a uma jornada. Por vezes, o herói se recusa ao chamado, mas, recordando as palavras usadas por Campbell, “...é poderoso o trabalho de salvação de Alá”⁸. Durante sua jornada, o herói enfrentará diversas provações; ao superá-las, retorna ao seu mundo cotidiano portando o fogo⁹ que trará benefícios para sua coletividade. Retornarei ao tema do *monomito* adiante.

Algumas HQs divulgam histórias claramente apoiadas no paradigma teorizado por Campbell, além de replicar comportamentos análogos aos heróis que protagonizam as mitologias antigas.

Mircea Eliade, consagrado mitólogo romeno, dedica-se a refletir sobre a dimensão modelar do mito. Segundo Eliade, “O mito garante ao homem que aquilo que ele se prepara para fazer já foi feito”¹⁰. As HQs do Capitão América, Homem de Aço, da Mulher Maravilha e as demais narrativas em que a figura do herói tenha destaque, fornecem modelos comportamentais que parecem desempenhar papel análogo aos heróis das mitologias antigas estudadas por Eliade, “garantindo” ao gênero humano que as desventuras de sua jornada já foram superadas por seres extraordinários. Veja a imagem a seguir:



Figura 1. Primeira aparição do Capitão América em 1941.

⁸ CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007, p. 74.

⁹ Alusão ao mito de prometeu. Sobre essa alusão, ver também, SELEPRIN, Maiquel José. O mito na sociedade atual. Disponível em: www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/O_mito_na_sociedade_atual.pdf. Acesso em: 06 out. 2016.

¹⁰ Mircea Eliade. *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 120.

Ao analisar a imagem, consideradas as contribuições de Eliade, expande-se o conjunto de significados que podem ser associados ao capitão Rogers. Não é por acaso a forte circulação dos primeiros números de Capitão América entre os soldados estadunidenses, uma vez que o personagem serve a eles de inspiração, “garantindo” – dada a sua conotação mitológica – que as adversidades para as quais os soldados têm se preparado podem ser superadas. Portanto, temos em Capitão América, assim como nas mitologias antigas, um exemplo prático das dimensões do mito descritas por Eliade.

Outro argumento que explicita a associação entre o herói das HQs e o universo das mitologias foi proposto por Karen Armstrong, estudiosa do campo das religiosidades. Segundo a autora, a “experiência da transcendência sempre fez parte da experiência humana”¹¹. E essa experiência, associada tradicionalmente a paisagens religiosas institucionalizadas, ganha corpo em outras manifestações culturais em que a transcendência se apresente. Entre elas, temos os quadrinhos. Segundo Armstrong:

A religião tem sido um dos meios mais tradicionais para alcançar o êxtase, mas, se as pessoas não o encontram mais nos templos, sinagogas, igrejas ou mosteiros, procuram-no em outro lugar: na arte, na música, na poesia, no rock, na dança, nas drogas, no sexo ou no esporte.¹²

Portanto, é possível perceber nas HQs, consideradas suas particularidades, a sobrevivência de aspectos das tradições míticas antigas. Ao se comparar o papel do mito nessas tradições e aquele assumido pelos heróis contemporâneos, constata-se que as mitologias sobrevivem veiculadas pelas expressões culturais da modernidade. Vejamos, na sequência, o caso da jornada do herói em *Marvels*.

Frise-se que o quadrinho *Marvels* foi tomado como objeto de análise sobretudo por se tratar de uma narrativa que se passa no mundo atual e que contempla o *monomito*, o que permite dizer, como assinalou Rubem Alves, “que as mesmas perguntas religiosas do passado se articulam agora, transvestidas, por meio de símbolos secularizados”¹³.

O quadrinho conta a história de eventos do Universo Marvel sob a ótica de Phil Sheldon, um fotógrafo que mora na cidade de Nova Iorque durante o século XX. A aventura tem início quando Phil percebe que sua cidade havia mudado, que seres

¹¹ ARMSTRONG, K. *Breve História do Mito*. São Paulo: Cia de Letras, 2005, p. 12.

¹² Idem, *ibidem*, p. 13.

¹³ ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Ars Poética, 1996, p. 12.

extraordinários, intitulados na obra como “maravilhas”¹⁴, passaram a fazer parte do cotidiano de pessoas comuns.

O primeiro passo da jornada do herói postulado por Campbell é o *chamado da aventura*. Essa etapa pode ser representada pelo “arauto ou agente que anuncia a aventura”¹⁵. Segundo Campbell, o arauto “costuma ser sombrio, repugnante ou aterrorizador”¹⁶. Na HQ *Marvels* o arauto é o Tocha Humana. É o personagem que revela a Phil um mundo “habitado por seres estranhamente fluidos e polimorfos, tormentos inimagináveis, façanhas sobre-humanas e delícias impossíveis”¹⁷.

O início da aventura pode ocorrer por motivações pessoais ou por forças externas. No universo de *Marvels*, Phil é convidado por um superior, senhor Goodman, a viajar à Europa para fotografar alguns eventos, o que estava em seus planos profissionais. Porém, Phil nega conscientemente a viagem para observar de perto as mudanças que estavam ocorrendo em Nova Iorque¹⁸. Ao negar a viagem, Phil rejeita também seu plano pragmaticamente traçado. Diante disso, retomando Campbell, “...é poderoso o trabalho de salvação de Alá”¹⁹: continuar em Nova Iorque é optar por mergulhar na aventura.

Essa permanência aproxima Phil dos limites do mundo cotidiano e ele passa a se sentir parte do “novo mundo”. O fotógrafo segue sua jornada próximo às “Maravilhas”, acompanha a metros de distância o confronto entre Tocha e Namor, mas, logo em seguida, é arremessado para longe desse “novo mundo”. No processo, Phil perde um de seus olhos.

Antes de prosseguir, faz-se necessária uma breve reflexão. Em *O herói de mil faces*, Campbell empenhou-se na demonstração de que os mitos “são verdadeiros em sentidos diferentes”²⁰, procurando atestar que mitos estão revestidos de forças simbólicas do inconsciente. Ao pactuar com essa maneira de ler o mito e o mundo em que o mito se inscreve, a desventura sofrida por Phil – da perda de um dos olhos – se torna veículo das forças simbólicas do mito. O mesmo ocorre, por

¹⁴ Este é o nome adotado por Phil para se referir aos heróis como Quarteto Fantástico, Namor, Tocha humana e os demais seres extraordinários da obra.

¹⁵ CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007, p. 62.

¹⁶ Idem, ibidem.

¹⁷ Idem, ibidem, p. 66.

¹⁸ Ao negar esse chamado, Phil nega uma outra possível aventura.

¹⁹ CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007, p. 74.

²⁰ CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. Entrevista a Bill Moyers concedida por Joseph Campbell. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990, p. 66.

exemplo, com Odin, divindade destacada da mitologia nórdica. Segundo Chevalier e Gheerbrant:

El ojo único del tuerto es símbolo de clarividencia y del poder mágico encerrado en la mirada. Por lo mismo, el patituerto, el cojo, el manco, parecen poseer, por el hecho de su lisiadura o amputación, capacidades excepcionales en el miembro sano que les queda, como si fueran, no disminuidos, ni meramente doblados, sino deduplicados, o más bien como si fueran transpuestos a otro plano.²¹

No instante e, que Phil perde um dos olhos, passa por um “mistério de transfiguração – de um ritual ou momento de passagem espiritual que, quando completo, equivale a uma morte seguida de um nascimento”²². Esse acontecimento indica que a passagem pelo limiar está próxima.

Após superar o primeiro limiar, está aberto ao herói o trânsito pelo mundo da aventura. Resta a ele se aventurar no “novo mundo”, no qual provará dos desafios e deverá cumprir “o percurso padrão da aventura mitológica do herói”²³, definido por Campbell como: “separação-iniciação-retorno”²⁴.

Apesar de Campbell ter apresentado um padrão narrativo – denominado *monomito* – não existe uma maneira objetiva para a organização dos passos arquetípicos da *jornada do herói*. Dessa forma, as narrativas em que figura o paradigma proposto por Campbell não obedecem obrigatoriamente a sequência organizada pelo autor. Há também narrativas em que apenas alguns dos estágios do *monomito* são contemplados.

Para esse estudo, foi reservada uma primeira análise das etapas do *monomito* reproduzidas no quadrinho *Marvels*, paralelamente às características dos mitos antigos que sobrevivem hoje nas histórias em quadrinhos. Há outros elementos em *Marvels* que contribuem para a admissão do *monomito*. Mas, para essa ocasião, parte importante deles foi apresentada.

Considerações Finais

Ao perceber a influência do *monomito* na construção da narrativa do quadrinho *Marvels*, é possível compreender de modo mais efetivo as relações entre

²¹ CHEVALIER Jean & GHEERBRANT, *Dicionario de los simbolos*. Ed. Robert Laffone ef Ed. Jupiter. Paris, 1986, p. 1032.

²² CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007, p. 61.

²³ Idem, *ibidem*, p. 36.

²⁴ Idem, *ibidem*.

as narrativas míticas e aquelas do universo pop contemporâneo. O papel exercido pelos heróis, figura recorrente na narrativa reproduzida pelas HQs, é semelhante, mesmo com suas especificidades e dinâmicas diferentes, ao exercido pelos mitos antigos. Ao que parece, ocorre a sobrevivência e ressemantização dos heróis das mitologias antigas consideradas as particularidades sociais, culturais e políticas contemporâneas. Segundo Campbell:

Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos. Não seria demais considerar o mito a abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas.²⁵

Portanto, a HQ *Marvels*, considerado o arcabouço teórico de que me servi para seu estudo e sua análise, apoiou-se em fundamentos da História Cultural e dialogou com outras narrativas que circulam na modernidade. Narrativas que, a meu ver, garantem o permanente “florescer” dos mitos humanos. Se observarmos os estudos desenvolvidos por Campbell, Karen Armstrong e Mircea Eliade, não seria equívoco considerar as manifestações culturais humanas como o fecundo campo em que as mitologias vicejam continuamente.

Agradecimentos

Agradeço à minha família, aos meus professores e amigos.

Referências

ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Ars Poética, 1996.

ARMSTRONG, Karen. *Breve História do Mito*. São Paul: Cia de Letras, 2005.

BACZKO, Bronislaw. “Imaginação Social”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BUSIEK, Kurt. *Marvels*. São Paulo: Abril, 1995.

²⁵ Idem, ibidem, p. 15.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Entrevista a Bill Moyers concedida por Joseph Campbell. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

_____. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007.

CHEVALIER Jean & GHEERBRANT, *Dicionario de los simbolos*. Ed. Robert Laffone ef Ed. Jupiter. Paris, 1986, p. 1032.

ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70, 1989.

REIS, Marcelo. *Sobrevivências do Tempo Mítico no Imaginário Religioso Contemporâneo*. In: II Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística, 2015, Formosa, p. 96-108.

SELEPRIN, Maiquel José. *O mito na sociedade atual*. Disponível em:<
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/O_mito_na_sociedade_atual.pdf. Acesso em: 06 out. 2016.